

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: FSP Class.: Garimpo 63

Data: 03/06/92 Pg.: 2-2

### Garimpo — problema ambiental ou social?

HENRIQUE RATTNER

Durante semanas, o garimpo de ouro nos extremos da Amazônia ocupou as manchetes dos jornais e o noticiário da TV. Choques com os índios, intervenção da polícia federal, prisões de garimpeiros brasileiros na Venezuela, supostas ou reais conexões entre garimpo, tráfico de drogas, armas e a prostituição de crianças representam uma face da complexidade dos problemas que assolam a sociedade brasileira, acuada aparentemente num beco sem saída.

A mineração de ouro, ferro, cassiterita, diamantes, pedras semipreciosas e outros minérios, embora represente uma parcela relativamente reduzida nas atividades econômicas nacionais (mais ou menos 2% do PNB), incorpora e compõe aproximadamente 40% da produção industrial nacional.

Estimativas sobre o número de garimpeiros na região amazônica variam de 500 mil até 1 milhão. Calculando dois dependentes para

cada garimpeiro, chega-se de 1,5 a 2,5 milhões de pessoas que vivem/sobrevivem dessas atividades. Numa região esparsamente povoada —16 milhões de habitantes em 5 milhões de quilômetros quadrados— o peso e o poder de voto dessa massa humana é enorme, como ficou comprovado na eleição de um deputado federal pelos garimpeiros de Serra Pelada.

A dispersão dos garimpos sobre o imenso território amazônico torna difícil, senão impossível, o controle da comercialização do minério que se torna objeto de contrabando (pedras semipreciosas, cassiterita) ou alimenta o tráfico de drogas e armas, induzindo um ciclo vicioso de ilegalidade, corrupção, violência e, em última análise, de desestruturação social.

As deliberações do Congresso Nacional e a legislação sobre as riquezas do subsolo, os códigos de

mineração e do meio ambiente terão eficácia limitada enquanto não tocarem na causa básica —social— do fenômeno garimpo.

A imensa maioria dos garimpeiros —verdadeiros “caçadores de tesouros”— é composta por extralaboradores e pequenos proprietários rurais expulsos de suas terras de origem pelo avanço inexorável das lavouras mecanizadas e pela expropriação de terras para grandes obras de infra-estrutura.

Na impossibilidade de encontrar empregos e condições de vida mínimas numa sociedade urbano-industrial atravessando uma fase de profunda recessão econômica, essa massa dos sem-terra e sem-abrigo está sendo empurrada para a fronteira geográfica (vários milhares penetraram na Venezuela) e social, em busca de El Dorado. Longe do alcance da lei, invadem os territórios das comunidades indígenas, contaminando-as com doenças endêmicas e venéreas e

poluem o ar e as águas pelo uso de mercúrio (ouro) e arsênico (cassiterita-estanho).

Pela própria insegurança da atividade garimpeira (o esgotamento das veias auríferas), constituem núcleos de povoamento instáveis, caracterizados por condições de vida e de trabalho subumanas, corrupção e violência.

Expulsos de suas terras, ameaçados de prisão na Venezuela, acuados pela polícia federal ao penetrarem os territórios dos ianomamis, sem chances de conseguir emprego e moradia decentes nos núcleos urbanos —qual é a alternativa que a sociedade brasileira oferece aos garimpeiros?

Assunto para meditação dos arautos de “nosso futuro comum”...

**HENRIQUE RATTNER**, 66, é professor titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP).